

Edmund Husserl, *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology*, trad. (alemão) de F. Kersten (The Hague [u.a.]: Springer, 1982), 109-112.

Edmund Husserl, *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures: Tome Premier: Introduction générale a la phénoménologie pure*, trad. (alemão) de P. Ricoeur (Paris: Éditions Gallimard, 1950), 160-164.

EN→PT: O 49º parágrafo de *Ideias Referentes a uma Fenomenologia Pura e a uma Filosofia Fenomenológica* de Edmund Husserl (1859-1938), livro primeiramente publicado em 1913, intitula-se “A Consciência Absoluta como o Resíduo depois da Aniquilação do Mundo” e insere-se no 3º capítulo, “A Região da Consciência Pura” da 2ª parte da obra, “As Considerações Fundamentais para a Fenomenologia”.

FR→PT: O 49º parágrafo de *Ideias Diretrizes para uma Fenomenologia e a uma Filosofia Fenomenológica Puras* de Edmund Husserl (1859-1938), livro primeiramente publicado em 1913, intitula-se “A Consciência Absoluta como Resíduo da Aniquilação do Mundo” e insere-se no 3º capítulo, “A Região da Consciência Pura”, da 2ª parte da obra, “Considerações Fenomenológicas Fundamentais”.

[§A]«^{EN→PT}: Por outro lado, tudo aquilo não implica que *deva* haver algum mundo ou uma ou outra coisa física.¹ ^{FR→PT}: Por outro lado, toda essa análise de modo algum implica que *deva* haver um mundo, uma coisa qualquer.² |2| A existência de um mundo é o correlato de certas multiplicidades da experiência que são distintas por certas formações essenciais.³ A existência de um mundo é o correlato de uma certa diversidade da experiência que se distingue por certas configurações eidéticas.⁴ |3| Mas *não pode* ver-se que as experiências atuais[/reais] *apenas* possam fluir em tais formas concatenadas. Nada assim pode ver-

1 «On the other hand, all of that does not imply that there *must* be some world or some physical thing or other.»

2 «D'autre part toute cette analyse n'implique nullement qu'il *doive* du tout y avoir un monde, une chose quelconque.»

3 «The existence of a world is the correlate of certain multiplicities of experience distinguished by certain essential formations.»

4 «L'existence d'un monde est le corrélat d'un certain divers de l'expérience qui se distingue par certaines configurations éidétiques.»

se puramente com base na essência da percepção - tomada universalmente - e nas essências de outros tipos colaborativos de intuição experiencial.⁵ Mas *nenhuma* evidência exige que as experiências atuais não possam desenrolar-se *senão* apresentando tais formas de encadeamento; se consultarmos puramente a essência da percepção em geral e aquela de outras espécies de intuições empíricas que cooperam com a percepção, nada desse tipo pode ser concluído.⁶ |4| É, pelo contrário, bastante plausível que a experiência, por conta do conflito, possa dissolver-se em ilusão para lá do detalhe, tal como que possa não ser o caso - como é o caso *de facto* - de que toda a ilusão manifeste uma verdade mais profunda e que todo o conflito, no local da sua ocorrência, seja precisamente o que é exigido de modo a preservar, por contexturas mais inclusivas, a harmonia total; é concebível que possa haver um anfitrião de conflitos irreconciliáveis no nosso experienciar, não apenas para nós mas em si mesmos; que a experiência possa subitamente mostrar ser, ela mesma, refratária com relação à exigência para que continue harmoniosamente as suas postulações[/solicitações] de coisas físicas; **que** o seu contexto possa perder as suas organizações regulares fixas de prefigurações[/simbolizações], apreensões e aparências; em resumo, que possa não mais existir qualquer mundo.⁷ Pelo contrário, é plenamente pensável que a experiência se dissipe em simulacros por força de conflitos internos, e não apenas e somente no detalhe; que tal simulacro, diferentemente da nossa experiência de facto, não anuncie uma verdade mais profunda; que tal conflito, considerado em seu lugar, não seja justamente aquele que exige um novo alargamento da rede encadeada das experiências a fim de salvaguardar a concordância do conjunto; é pensável que a experiência abunde de conflitos irredutíveis, e irredutíveis não apenas e somente para nós mas em si; que a experiência se rebele

5 «But it *cannot* be seen that actual experiences^{15: Insertion in Copy D: demonstrated in me} can flow *only* in such concatenated forms; nothing like that can be seen purely on the basis of the essence of perception taken universally, and of the essences of other collaborating kinds of experiential intuition.»

6 «Mais *nulle* évidence n'exige que les expériences actuelles ne puissent se dérouler *que* si elles présentent telles formes d'enchaînement; si l'on consulte purement l'essence de la perception en général et celle des autres espèces d'intuitions empiriques qui coopèrent à la perception, rien de tel ne peut en être conclu.»

7 «It is instead quite conceivable that experience, because of conflict, might dissolve into illusion not only in detail, and that it might not be the case, as it is *de facto*^{16: Insertion in Copy D: i.e., as is made indubitable by experience in its fashion} ((not, that is to say, apodictically)), that every illusion manifests a deeper truth and that every conflict, in the place where it occurs, is precisely what is demanded by more inclusive contextures in order to preserve the total harmony; in our experiencing it is conceivable that there might be a host of irreconcilable conflicts not just for us but in themselves, that experience might suddenly show itself to be^{17: Insertion in Copy A: consistently} refractory to the demand that it carry on its positings of physical things harmoniously, that its context might lose its fixed regular organizations of adumbrations, apprehensions, and appearances^{18: Insertion in Copy A: and that it might actually remain so ad infinitum} – in short, that there might no longer be any^{19: Insertion in Copy A: harmoniously positable and therefore existent} world.»

repentinamente contra toda a pretensão de manter, constantemente, a concordância entre as posições das coisas; que do seu encadeamento desapareça toda a ordem coerente entre os esquemas[/esboços], as apreensões, as aparências; em sumário, que não haja mundo.⁸ |5| Contudo e nesse caso, poderia ser que - até certo ponto - se constituíssem formações de unidade brutas, suportes transitórios para intuições que fossem meros análogos de intuições de coisas físicas, pois bastante incapazes de constituir “realidades” conserváveis, unidades perduráveis “que existem[/existam] em si mesmas, quer sejam percebidas ou não”.⁹ Nesse caso, será possível que, até certo ponto, venham portanto[/ainda] a constituir-se as formações que oferecem uma unidade rudimentar : tais seriam os pontos de chegada provisórios para as intuições, que não poderiam ser mais que simples analogia junto das intuições das coisas, pois que tais seriam totalmente inaptas no tocante a constituir as “realidades” permanentes, as unidades duráveis, que “existem em si, quer sejam ou não percebidas”.¹⁰»

[§B]|6| «Agora, adicionemos os resultados alcançados no final do capítulo anterior; lembremos-nos da possibilidade do não-ser de tudo o que é fisicamente transcendente: torna-se, então, evidente que *enquanto o ser da consciência* - de um qualquer fluxo de processos mentais - *de facto, seria necessariamente modificado por uma aniquilação do mundo das coisas físicas, a sua própria existência não seria tocada.*¹¹ Se agora fizermos intervir as conclusões obtidas no fim do capítulo anterior e evocarmos, assim, a possibilidade do não-ser - inclusivamente na

8 «Au contraire il est tout à fait pensable que l'expérience se dissipe en simulacres à force de conflits internes, et non pas seulement dans le détail; que chaque simulacre, à la différence de notre expérience de fait, n'annonce pas une vérité plus profonde; que chaque conflit considéré à sa place ne soit pas justement celui qu'exige un nouvel élargissement du réseau enchaîné des expériences afin de sauvegarder la concordance de l'ensemble; il est pensable que l'expérience fourmille de conflits irréductibles, et irréductibles non pas seulement pour nous mais en soi; que l'expérience se rebelle tout d'un coup contre toute prétention de maintenir constamment la concordance entre les positions de choses; que de son enchaînement disparaisse tout ordre cohérent entre les esquisses, les appréhensions, les apparences; bref qu'il n'y ait pas de monde.»

9 «Nevertheless, in that case it could be that, to some extent, crude unity-formations become constituted, transient supports for intuitions which were mere analogues of intuitions of physical things because quite incapable of constituting conservable “realities,” enduring unities “which exist in themselves, whether or not they are perceived.”»

10 «Dans ce cas il serait possible que dans une certaine mesure il vienne pourtant à se constituer des formations offrant une unité rudimentaire : ce seraient des points d'arrêt provisoires pour les intuitions, qui n'auraient ainsi qu'une simple analogie avec les intuitions de choses, puisqu'elles seraient totalement inaptées à constituer des « réalités » permanentes, des unités durables, qui « existent en soi, qu'elles soient ou non perçues ». »

11 «Now let us add the results reached at the end of the last chapter; let us recall the possibility of non-being of everything physically transcendent: it then becomes evident that *while the being of consciousness*, of any stream of mental processes whatever, *would indeed be necessarily modified by an annihilation of the world of physical things it[s] own existence would not be touched.*»

essência de toda a transcendência da coisa - torna-se claro que *o ser da consciência*, tal como de todo o fluxo do[da] vivido[vivência] em geral, *será certa e necessariamente modificado se o mundo das coisas vier a aniquilar-se, mas não será afetado quanto à sua própria existência.*¹² |7| Modificado, certamente, pois que uma aniquilação do mundo nada mais significa, correlativamente, do que *que em cada corrente dos processos mentais* (a corrente integral[completa] – a corrente total que engloba[compreende] os processos mentais de um Ego, tomada como inacabável[infinita] em ambas as direções), *certas concatenações ordenadas da experiência* e, portanto, certos complexos da razão teorizante[teorética] orientados de acordo com tais concatenações da experiência, *seriam excluídos.*¹³ Seria, certamente, modificado: o que significa, com efeito, do ponto de vista correlativo da consciência, a aniquilação do mundo? Unicamente isto: em cada fluxo da vivência (o fluxo das vivências de um eu tomado na sua totalidade, infinito nos dois sentidos) encontrar-se-ão excluídas certas conexões empíricas ordenadas; tal exclusão comportaria[implicaria], igualmente, a de certas outras conexões instituídas pela sistematização teórica da razão e estabelecidas sobre as primeiras. Pelo contrário, tal exclusão não implicaria a de outras vivências e de outras conexões entre as vivências.¹⁴ |8| *Consequentemente, nenhum ser real*, nenhum ser que é apresentado e legitimado na consciência pelas aparências, *é necessário ao ser da consciência em si mesmo* (no sentido mais amplo: a corrente de processos mentais).¹⁵ *Por consequência, nenhum ser real*, nenhum ser que é figurado[representado] pela consciência e se legitima por meio de

12 «Si maintenant nous faisons intervenir les conclusions obtenues à la fin du dernier chapitre et évoquons ainsi la possibilité du non-être incluse dans l'essence de toute transcendance de chose, il devient clair *que l'être de la conscience*, et tout flux du vécu en général, *serait certes nécessairement modifié si le monde des choses venait à s'anéantir, mais qu'il ne serait pas atteint dans sa propre existence.*»

13 «Modified, to be sure. For an annihilation of the world means, correlatively, nothing else but that in each stream of mental processes (the full stream – the total stream, taken as endless in both directions, which comprises the mental processes of an Ego), certain ordered concatenations of experience and therefore certain complexes of theorizing reason oriented according to those concatenations of experience, would be excluded.»

14 «Il serait certes modifié : que signifie, en effet, du point de vue corrélatif de la conscience, l'anéantissement du monde ? Uniquement ceci : en chaque flux du vécu (le flux des vécus d'un moi pris dans sa totalité, infini dans les deux sens) se trouveraient exclues certaines connexions empiriques ordonnées ; cette exclusion entraînerait également celle des certaines autres connexions instituées par la systématisation théorique de la raison et réglés sur les premières. Par contre cette exclusion n'impliquerait pas celle d'autres vécus et d'autres connexions entre les vécus.»

15 «*Consequently no real being*, no being which is presented and legitimated in consciousness by appearances, *is necessary to the being of consciousness itself* (in the broadest sense, the stream of mental processes).»

aparências, é necessário para o ser da consciência em si mesma (entendida no seu sentido mais vasto de fluxo da vivência).¹⁶»

[§C]|9| «O ser imanente é, portanto, indubitavelmente ser absoluto no sentido de que, por necessidade essencial, o ser imanente nulla “re” indiget ad existendum.¹⁷ O ser imanente é, portanto, indubitavelmente um ser absoluto, no sentido de que, por princípio, nulla “re” indiget ad existendum.¹⁸»

[§D]|10| «Diferentemente, o mundo da “res” transcendente é inteiramente referido à consciência e, mais particularmente, não a uma consciência logicamente concebida, mas à consciência atual[/real].¹⁹ Por outro lado, o mundo da “res” transcendente refere-se inteiramente a uma consciência; de forma alguma a uma consciência concebida logicamente, mas sim a uma consciência atual[/real].²⁰»

[§E]|11| «No respeitante ao seu sentido mais universal, o assunto já foi clarificado pelo exposto acima (nas secções precedentes).²¹ Tais princípios já se destacam[/evidenciam] claramente pelo essencial das análises anteriores (ver os parágrafos precedentes).²² |12| Um[a] algo[/qualquer coisa] transcendente é dado[/a] graças a certas concatenações da experiência.²³ Aquilo que é transcendente é dado por meio de certos encadeamentos no seio da experiência.²⁴ |13| Enquanto dado diretamente e com perfeição crescente nos contínuos percutuais que se mostram a si

16 «Par conséquent nul être réel, nul être qui pour la conscience se figure et se légitime au moyen d'apparences n'est nécessaire pour l'être de la conscience même (entendue en sons sens le plus vaste de flux du vécu)¹: Dans la ruine du monde, je serais encore conscience intentionnelle, mais visant le chaos ; cette hypothèse me relève donc de ma propre indigence pous m'attester celle des choses et du monde. ,»

17 «Immanent being is therefore indubitably absolute being in the sense that by essential necessity immanent being nulla “re” indiget ad existendum.»

18 «L'être immanent est donc indubitablement un être absolu, en ce sens que par principe nulla « re » indiget ad existendum.»

19 «In contradistinction, the world of transcendent “res” is entirely referred to consciousness and, more particularly, not to some logically conceived consciousness but to actual consciousness.»

20 «D'autre part le monde des « res » transcendentes se réfère entièrement à une conscience, non point à une conscience conçue logiquement mais à une conscience actuelle.»

21 «In so far as its most universal sense is concerned, that has already been made clear by the exposition above (in the preceding sections).»

22 «Ces principes ressortent déjà clairement pour l'essentiel des analyses antérieures (voir les paragraphes précédents).»

23 «A something transcendent is given²⁰: Insertion in Copy A: though, of essential necessity, only with a proviso by virtue of certain concatenations of experience.»

mesmos harmoniosos e em certas formas metódicas de pensamento baseadas na experiência, qualquer coisa transcendente adquire, mais ou menos de imediato, a sua determinação continuamente progressiva, intuitiva[/discernível/penetrante].²⁵ Uma vez dado diretamente e em conformidade com uma perfeição crescente no seio de um fluxo contínuo de percepções, estas revelando-se concordantes, o ser transcendente curva-se[/inclina-se/dobra-se] sobre certas formas metódicas do pensamento baseadas na experiência e acede, através de um número mais ou menos grande de mediações, a uma determinação teórica suscetível de evidência e de progresso incessante.²⁶ |14| Seja-nos permitido assumir que a consciência, com os seus *processos mentais constituintes* e com o *curso que cumpre*, é realmente de uma natureza tal que o sujeito consciente, na sua atividade livre de experienciação[/experimentação] teórica e de pensamento orientado de acordo com a experiência, *poderia* afetar todas essas concatenações (em cuja conexão deveríamos, também, ter em conta o reforço recebido pelo entendimento mútuo com outros Egos e outras correntes de processos mentais); seja-nos permitido assumir, além do mais, que as regularidades pertinentes da consciência são atualmente[/realmente] sustentadas[/mantidas]; que, no curso da consciência, tomada universalmente, nada (o que quer que seja) daquilo que é requisito para a aparência de um mundo unitário, tal como para a cognição racional-teórica desse tal mundo, está em falta.²⁷ Suponha-se que a consciência, considerada quanto ao seu estatuto de *vivência* e no

24 «Ce qui est transcendant est *donné* au moyen de certains enchaînements au sein de l'expérience²²: Ici convergent l'*être-donné* pour l'intuitionnisme « naïf » et la *donation* de sens pour la conscience transcendante.»

25 «As given directly²¹: *In Copy A* directly substituted by originaliter and with increasing perfection in perceptual continua which show themselves to be harmonious and in certain methodical forms of thinking based on experience, a something transcendent acquires, more or less immediately, its insightful, continually progressive determination.»

26 «Une fois donné directement et selon une perfection croissante au sein d'un flux continu de perceptions se révélant concordantes, l'être transcendant se plie à certaines formes méthodiques de la pensée basée sur l'expérience et accède à travers un nombre plus ou moins grand de médiations à une détermination théorique susceptible d'évidence et de progrès incessant.»

27 «Let us assume that consciousness, with its *constituent mental processes* and with the *course it runs*, is actually of such a nature that the conscious subject, in his free activity of theoretical experiencing and of thinking oriented according to experience,²²: *In Copy A*: of theoretical ... experience substituted by: of experiencing and of theoretical thinking oriented according to experience *could* effect all such concatenations (in which connection we should also have to take into account the reinforcement received by mutual understanding with other Egos and other streams of mental processes),²³: *In Copy D* in which connection ... mental processes substituted by: (It is to be noted in this connection that we are including in the infinitely continuable harmony of perceptions, of experience, those in which other human beings, standing in mutual understanding with them, and a possible reduction of them to pure Egos and concatenations of mental processes, become demonstrated to us.) let us assume, furthermore, that the pertinent regularities of consciousness are actually maintained,²⁴: *Insertion in Copy A*: in infinitum that, in the course of consciousness taken universally, nothing whatever is lacking which is requisite for the appearance of a unitary world and for the rational theoretical cognition of such a world.»

seu *desenrolar*, é, na realidade, de algum modo fabricada de modo a que o sujeito da consciência, quando empreende livremente nos caminhos teóricos necessários à experiência e ao pensamento empírico, seja *capaz* de operar todas essas conexões (o que nos levaria a fazer intervir a compreensão mútua com outros ‘eus’ e outros fluxos do vivido); suponhamos, por outro lado, que são efetivamente realizadas todas as regulações correspondentes da consciência; suponha-se, então, que do lado da consciência e do seu desenrolar não falta absolutamente nada daquilo que seria requisitado para que apareça um mundo dotado de unidade e para que tal mundo se preste a um conhecimento teórico de ordem racional.²⁸ |15| Uma vez assumindo tudo isso, agora perguntamos: ainda é *concebível* - e não, pelo contrário, um contra-senso - que o mundo transcendente correspondente *não exista?*²⁹ Nós perguntamos agora se, sob tal hipótese, seria ainda *pensável* - e se não seria, pelo contrário, absurdo - que o mundo transcendente correspondente *não exista?*³⁰

[§F] |16| Assim, vemos que a consciência (processo mental) e o ser real são qualquer coisa menos tipos coordenados de ser que habitam pacificamente lado-a-lado e que se tornam, ocasionalmente, “relacionados” ou “conectados” uns aos outros.³¹ Assim, vemos que a consciência (o vivido) e o ser real (reais) não são, de modo algum, espécies de ser coordenados, que coabitam pacificamente e entram ocasionalmente em “acordo” ou em “liame”.³² |17| Apenas coisas que são essencialmente parecidas/aparentadas], cujas essências próprias e

28 «Supposons³ Contre-épreuve de la destruction du monde : le cours du divers de la conscience change et un monde apparaît. que la conscience considérée dans son statut de *vécu* et dans son *déroulement* soit en réalité ainsi faite que le sujet de conscience, lorsqu’il entreprend librement les démarches théoriques nécessaires à l’expérience et à la pensée empirique, soit *capable* d’opérer toutes ces connexions (il nous faudrait alors faire intervenir la compréhension mutuelle avec d’autres moi et d’autres flux du vécu) ; supposons en outre que soient effectivement réalisées toutes les régulations correspondantes de la conscience ; supposons donc que du côté de la conscience et de son déroulement il ne manque absolument rien de ce qui serait requis pour que ce monde se prête à une connaissance théorique d’ordre rationnel.»

29 «All that being assumed, we now ask: is it still *conceivable* and not rather countersense that the corresponding transcendent world *does not exist?*»

30 «Nous demandons alors si, dans cette hypothèse, il serait encore *pensable* et s’il ne serait pas au contraire absurde que le monde transcendent correspondant ne soit *pas?*»

31 «Thus we see that consciousness (mental process) and real being are anything but coordinate kinds of being, which dwell peaceably side by side and occasionally become “related to” or “connected with” one another.»

32 «Nous voyons donc que la conscience (le vécu) et l’être réel (reales) ne sont aucunement des espèces d’être coordonnées, cohabitant pacifiquement et entrant occasionnellement en « rapport » ou en « liaison »⁴: Comme « région », la conscience n’est *coordonnée* à la « région » réalité que par la notion d’objet (ou d’être au sens d’objet) ; dont nous savons qu’elle n’est que la première des catégories de l’ontologie formelle (cf. pp. 11, 29, 40) : l’objet, en ce sens, est « le sujet de prédications possibles vraies » (p. 21). ,»

respetivas são comuns em algum sentido, podem tornar-se conectadas no verdadeiro sentido da palavra, formar um todo.³³ No sentido de entender as palavras no seu verdadeiro sentido, apenas as coisas que são aparentadas pela sua essência, que uma e outra têm uma essência própria e um sentido idêntico, se ligam[conectam] e formam um todo.³⁴ |18| Um ser imanente ou absoluto e um ser transcendente são, claro, ambos chamados de “existentes”, “objeto”; e têm, mais particularmente, os seus conteúdos objetivos determinantes. Mas é evidente que o que é chamado, num caso, “objeto” e “determinação objetiva” e aquilo que é chamado, num outro caso, pelo mesmo nome, são assim chamados apenas com referência às categorias lógicas vazias.³⁵ Sem dúvida que, ao ser imanente ou absoluto e ao ser transcendente, pode aplicar-se as palavras “existente” (*seiende*), “objeto” (*Gegenstand*): ambos têm o seu estatuto de determinação; mas é evidente que aquilo a que chamamos, de ambas as partes, objeto e determinação objetiva, não têm o mesmo nome que por referência às categorias lógicas vazias.³⁶ |19| Naquilo que diz respeito aos seus respetivos sentidos, um verdadeiro abismo escancara-se entre a consciência e a realidade.³⁷ Entre a consciência e a realidade, escava-se um verdadeiro abismo de sentido.³⁸ |20| Aqui, um ser prefigurado[/simbolizado], sempre incapaz de tornar-se absolutamente dado, meramente accidental e relativo; ali, um ser necessário e absoluto, essencialmente incapaz de tornar-se dado por virtude da prefiguração[/simbolização] e aparência.³⁹ Temos, por um lado, um ser que se esboça, que jamais pode ser dado absolutamente, um ser

33 «Only things which are essentially akin, the respective proper essences of which have a like sense, can become connected in the true sense of the word, can make up a whole.»

34 «A prendre les mots dans leur vrai sens, seules se lient et forment un tout les choses qui sont apparentées par leur essence, qui l'une et l'autre ont une essence propre en un sens identique.»

35 «An immanent or absolute being and a transcendent being are, of course, both called “existent,” an “object,” and have, more particularly, their objective determining contents. But it is evident that what is called “an object” and “an objective determination” in the one case, and what is called by the same name in the other case, are called so only with reference to the empty logical categories.»

36 «Sans doute à l'être immanent ou absolu et à l'être transcendant on peut appliquer les mots « étant » (*seiende*), « objet » (*Gegestand*) : ils ont bien l'un et l'autre leur statut de détermination ; mais il est évident que ce qu'on nomme alors de part et d'autre objet et détermination objective ne porte le même nom que par référence à des catégories logiques vides.»

37 «In so far as their respective senses are concerned, a veritable abyss yawns between consciousness and reality.»

38 «Entre la conscience et la réalité se creuse un véritable abîme de sens.»

39 «Here, an adumbrated being, not capable of ever becoming given absolutely,²⁵ *In Copy A*: not capable... absolutely substituted by: essentially capable of becoming given only with a presumptive horizon and never absolutely merely accidental and relative;²⁶ *Addition in Copy A*: to consciousness there, a necessary and absolute being, essentially incapable of becoming given by virtue of adumbration and app[er]earance.²⁷ *Addition in Copy A*: in a presumptive manner, which perpetually leaves open the possibility that is itself perceived is non-existent.»

puramente contingente e relativo; por outro lado, um ser necessário e absoluto, que por princípio não se dá por esboço e aparência.⁴⁰

[§G]|21| Portanto, a despeito de todas as nossas afirmações seguramente fundamentadas sobre o ser real do Ego *humano* e os seus processos mentais conscientes, *no* mundo e relativamente a tudo no sentido das interconexões “psicofísicas” que lhes pertencem, torna-se claro que, a despeito de tudo isso, a consciência considerada na sua “pureza” deve considerar-se como sendo um *complexo de ser auto-contido*, um complexo de *ser absoluto* no qual nada pode penetrar e do qual nada pode enxertar-se/[brotar], para o qual nada é espaço-temporalmente externo e que não pode ser dentro de qualquer complexo espaço-temporal, que não pode ser afetado por qualquer coisa física e não pode exercitar causalidade sobre qualquer coisa física – sendo pressuposto que a causalidade tem o sentido normal de causalidade pertencente à Natureza enquanto uma relação de dependência entre realidades.⁴¹ Desde logo, mesmo se o sentido das palavras permite, certamente, falar do ser real (*realen*) do eu *humano* e da sua vivência de consciência *no* mundo, tal como falar dos diversos aspetos de tal ser real do ponto de vista das conexões “psicofísicas”, a despeito de tudo isso, é claro que a consciência, considerada na sua “pureza”, deve ser tida enquanto um *sistema de ser fechado sobre si* (*für sich geschlossener Seinszusammenhang*), enquanto um sistema *de ser absoluto* no qual nada pode penetrar e do qual nada pode escapar, que não tem um exterior de ordem espacial ou temporal, que não pode apresentar-se em nenhum sistema espaço-temporal, que não pode sofrer a causalidade de nenhuma coisa nem exercer causalidade sobre coisa nenhuma – no caso de supormos que a causalidade tem o sentido normal da causalidade natural que institui uma relação de dependência entre as realidades.⁴²

40 «Nous avons d’un côté un être qui s’esquisse, qui ne peut jamais être donné absolument, un être purement contingent et relatif, de l’autre un être nécessaire et absolu, qui par principe ne se donne pas par esquisse et apparence.»

41 «Thus it becomes clear that, in spite of all our assuredly well-founded statements about the real being of the *human* Ego and its conscious mental processes, *in* the world and about everything in the way of “psychophysical» interconnections pertaining to them – that, in spite of all that, consciousness considered in its “purity” must be held to be a *self-contained complex of being*, a complex of *absolute being* into which nothing can penetrate and out of which nothing can slip, to which nothing is spatiotemporally external and which cannot be within any spatiotemporally complex, which cannot be affected by any physical thing^{28:Insertion in Copy D: not by any being prior to it conceived as absolute} and cannot exercise causation upon any physical thing – it being presupposed that causality has the normal sense of causality pertaining to Nature as a relationship of dependence between realities.

42 «Dès lors, même si le sens des mots permet certainement de parler de l’être réel (*realen*) du moi *humain* et de son vécu de conscience *dans* le monde, et de parler des divers aspects de cet être réel du point de vue des

[§H]|22| Por outro lado, todo o *mundo espácio-temporal*, que inclui o ser humano e o Ego humano como realidades singulares subordinadas é, *de acordo com o seu sentido, um ser meramente intencional*; por tanto, um [que] tem o sentido meramente secundário de um ser *para* a consciência.⁴³ Por outro lado, o conjunto do *mundo espácio-temporal*, no qual o homem e o eu humano vêm inserir-se a título de realidades individuais subordinadas, tem *um ser puramente intencional em virtude do seu sentido*; tem, por consequência, o sentido puramente secundário, relativo, de um ser *para* uma consciência.⁴⁴ |23| É um ser postulado[/solicitado] pela consciência nas suas experiências que, por necessidade essencial, pode ser determinado e intuído apenas como algo idêntico pertencente a multiplicidades motivadas de aparências: *para além disso, nada é*.⁴⁵ É um ser que a consciência coloca nas suas próprias experiências e que, por princípio, não é acessível à intuição, tal como não é determinável senão como aquilo que permanece idêntico na diversidade motivada das aparências – um ser que *para além* dessa identidade, é um Nada.⁴⁶

connexions « psycho-physiques »¹: §§ 52-3, en dépit de tout cela il est clair désormais que la conscience considérée dans sa « pureté » doit être tenue pour un *système d'être fermé sur soi* (für sich geschlossener Seinszusammenhang), pour un système *d'être absolu* dans lequel rien ne peut pénétrer et duquel rien ne peut échapper, qui n'a pas de dehors d'ordre spatial ou temporel, qui ne peut se loger dans aucun système spatio-temporel, qui ne peut subir la causalité d'aucune chose, ni exercer de causalité sur aucune chose, - si l'on suppose que la causalité a le sens normal de la causalité naturelle qui institue une relation de dépendance entre des réalités.² L'origine leibnizienne de ces lignes est attestée par les MÉDITATIONS CARTÉSIENNES, en particulier I. Ve Méditation, § 33. (...) Le caractère « clos » de la conscience ne supprime pas l'intentionnalité et exclut purement la relation *externe* de causalité entre deux absolus. L'idée de *constitution* donnera son sens proprement husserlien à ces formules leibniziennes : Husserl dira que le monde se constitue « dans » la conscience, bien que cette inclusion ne soit point « *reel* » mais « *intentional* » ; cf. en outre, p. 165, n. 3. ,»

- 43 «On the other hand, the whole *spatiotemporal world*, which includes human being and the human Ego as subordinate single realities is, *according to its sense, a merely intentional being*, thus one has the merely secondary sense of a being *for* consciousness.²⁹ *Addition in Copy A*: as a being which is experienceable in subjects of consciousness by virtue of appearances and possibly becomes confirmed ad infinitum as a verificational unity of appearances.»
- 44 «D'autre part l'ensemble du *monde spatio-temporel* dans lequel l'homme et le moi humain viennent s'insérer à titre de réalités individuelles subordonnées, a *en vertu de sons sens un être purement intentionnel* ; il a par conséquent le sens purement secondaire, relatif d'un être *pour* une conscience.»
- 45 «It is a being posited by consciousness in its experiences which, of essential necessity, can be determined and intuited only as something identical belonging to³⁰ *Insertion in Copy A*: harmoniously motivated multiplicities of appearances: *beyond that it is nothing*.³¹ *Insertion in Copy A*: or, more precisely, its being anything beyond that is a countensensical thought. *In Copy D* this sentence is altered to read: it is a being which consciousness intends to as the same in manifold acts of consciousness, and in such a manner that this conscious having of it leads back to multiplicities of a possible experience presentive of it-itself, the itself-having-been, the itself-coming – a being which, of essential necessity, can be determined and intuited only as something identical belonging to motivated appearance [?] multiplicities: *as anything beyond that it is a countensense*.»
- 46 «C'est un être que la conscience pose dans ses propres expériences et qui par principe n'est accessible à l'intuition et n'est déterminable que comme ce qui demeure indentique dans le divers motivé des apparences, - un être qui *au-delà* de cette identité est un Rien³ : Ce texte énonce déjà l'idéalisme husserlien (§ 55) et la série d'équivalences dans laquelle il se résume : être transcendant = être intentionnel = être *pour* la conscience = être relatif = unité contingente (et idéalement destructible) d'un divers d'apparences.»